PROTESTANTISMO, HISTÓRIA E CULTURA ESCRITA: UM BALANÇO DA PRODUÇÃO DISCENTE NA PÓS-GRADUAÇÃO BRASILEIRA

*PROTESTANTISM, HISTORY AND WRITTEN CULTURE:
A BALANCE OF BRAZILIAN GRADUATE STUDENTS' WORKS*

*PROTESTANTISMO, HISTORIA Y CULTURA ESCRITA: UN
BALANCE DE LA PRODUCCIÓN DISCENTE EN LA
POSTGRADUACIÓN BRASILEÑA*

JAIME MAGALHÃES SEPULCRO JÚNIOR
ANA MARIA DE OLIVEIRA GALVÃO
Universidade Federal de Minas Gerais.

RESUMO Este artigo objetiva apresentar os resultados de pesquisa que consistiu na análise da relação entre protestantismo e cultura escrita na produção discente da pós-graduação brasileira, a partir dos trabalhos disponibilizados na plataforma da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Baseamo-nos teoricamente nos estudos realizados no âmbito da História Cultural. Analisamos inicialmente 66 trabalhos, entre teses e dissertações, produzidos entre 2004 a 2016. Em um segundo momento, fizemos a análise, de modo mais aprofundado, de sete estudos em que a relação entre protestantismo e cultura escrita aparece mais claramente. A pesquisa nos permitiu verificar que essa relação surge principalmente nas referências que os autores fazem à: 1) atividade educativa dos protestantes no Brasil, 2) aos impressos protestantes, 3) à atividade editorial protestante e 4) às atividades dos vendedores/distribuidores de Bíblias e de outros impressos em território nacional. A relação com a cultura escrita é vista na maior parte dos trabalhos como algo “já dado”, não se constituindo como parte da problematização do objeto de pesquisa. A maioria dos estudos indica, assim, uma relação prévia entre protestantismo e cultura escrita – antes de sua chegada no Brasil – na medida em que as diferentes denominações protestantes atuaram significativamente em outros contextos históricos e geográficos, na circulação social do escrito e na aproximação de indivíduos com a leitura e a escrita.

PALAVRAS-CHAVE: PROTESTANTISMO; CULTURA ESCRITA; ESTADO DO CONHECIMENTO.

ABSTRACT This article presents the results of a research which analyzed the relation between Protestantism and written culture in the production of Brazilian graduate students, based on the works available in the platform *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações* of *Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia*, theoretically based on Cultural History studies. First, we analyzed 66 works, among theses and dissertations, produced between 2004 and 2016. After, we made a deeper analysis on 7 studies in which the relation between Protestantism and written culture was more evident. The research allowed us to see that this relation appears mainly in the references about: 1) protestants' educational activities in Brazil; 2) protestant printed materials; 3) protestant editorial activity; and 4) the activity of sellers/distributors of Bibles and other printed material in the country. The relation with written culture is seen, in most works, as a "given" and not part of the problematization on the research issue. Thus, most studies indicate a previous relation between Protestantism and written culture - before its arrival in Brazil- as certain protestant denominations acted significantly, in other historical and geographical contexts, in the social circulation of the written word and the approximation of the subjects with reading and writing.

KEYWORDS: PROTESTANTISM; WRITTEN CULTURE; STATE-OF-ART

RESUMEN El presente artículo tiene como objetivo presentar los resultados de investigación que consistió en el análisis de la relación entre protestantismo y cultura escrita en la producción discente del postgrado brasileño a partir de los trabajos disponibles en la plataforma de la Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (Biblioteca Digital de Tesis y Disertaciones) del Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (Instituto Brasileño de Información Ciencia y Tecnología). Nos basamos teóricamente en los estudios de la Historia Cultural. Analizamos inicialmente 66 trabajos, entre tesis y disertaciones, producidos entre 2004 a 2016. En un segundo momento, realizamos el análisis, de modo más profundo, de siete estudios en que la relación entre protestantismo y cultura escrita aparece más claramente. La investigación nos permitió verificar que esa relación aparece principalmente en las referencias que los autores hacen a: 1) actividad educativa de los protestantes en Brasil, 2) a los impresos protestantes, 3) a la actividad editorial protestante y 4) a las actividades de los vendedores / distribuidores de Biblias y de otros impresos en territorio nacional. La relación con la cultura escrita es vista en la mayor parte de los trabajos como algo "ya dado", no constituyéndose como parte de la problematización del objeto de investigación. La mayoría de los estudios indica una relación previa entre protestantismo y cultura escrita – antes de su llegada en Brasil – en la medida en que las diferentes denominaciones protestantes actuaron significativamente en otros contextos históricos y geográficos, en la circulación social del escrito y en la aproximación de individuos con la lectura y la escritura.

PALABRAS CLAVE: PROTESTANTISMO; LECTURA; ESCRITURA; SISTEMA DE ESCRITURA; REVISTA BIBLIOGRÁFICA.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre as relações entre protestantismo, leitura e escrita não é uma novidade no contexto acadêmico. Frago (1993, p. 30) afirma que, já nos anos finais da década de 1960, alguns estudos “colocaram a tônica da *aliança protestantismo-imprensa* para explicar as notáveis *diferenças no processo de alfabetização entre os países protestantes e os católicos*, inclusive entre ambas as comunidades dentro de um mesmo país”. É nesse sentido que Cipolla (1970 *apud* FRAGO, 1993) assevera que, em meados do século XIX, já havia duas Europas, uma do Norte, protestante e alfabetizada, e outra do Sul, católica e analfabeta, salvo raras exceções. Frago (1993) afirma que esses estudos consideravam a escolarização como principal variável explicativa para o fenômeno. Já na década de 1990, a partir de contribuições da Sociologia da Comunicação, do Conhecimento e da Cultura à discussão, ocorre uma mudança na perspectiva da análise do problema do analfabetismo, que passa a ser compreendido a partir da ausência de um fenômeno anterior, a alfabetização. A alfabetização, por sua vez, começa a ser analisada como um processo resultante de causas, conexões e implicações ideológico-culturais mais complexas que ultrapassam o mero fator da escolarização (FRAGO, 1993). A histórica relação entre protestantismo e cultura escrita passa então a ser compreendida principalmente como um fenômeno relacionado à importância e à necessidade de proselitismo, discipulado, interpretação leiga das Escrituras, entre outros fatores relacionados à cultura protestante, nas regiões em que o protestantismo se instalou (FRAGO, 1993). Para Silva (2013, p. 13), “estava no cerne da Reforma a questão da livre interpretação das Escrituras pelos fiéis, que não mais dependeriam da mediação que se dava, na Igreja Romana, através do sacerdote católico”. Segundo a autora, esse fator característico da cultura protestante está diretamente relacionado à importância da alfabetização para esse ramo do cristianismo: “A fim de que os adeptos da nova fé pudessem ler em sua própria língua, era preciso ensinar-lhes, ao menos, os rudimentos da escrita e da leitura” (SILVA, 2013, p. 13).

Entretanto, apesar de uma clara relação histórica entre protestantismo e cultura escrita, os trabalhos acadêmicos da pós-graduação nacional debruçados sobre a história da cultura escrita no Brasil praticamente não abordam o tema do protestantismo. Em mapeamento da produção a respeito da história da cultura escrita no país, Galvão (2010) constata uma “quase ausência de estudos sobre igrejas como instâncias de difusão do escrito” (GALVÃO, 2010, p. 231), apesar do fato de alguns estudos já demonstrarem um importante papel das práticas religiosas na aproximação de indivíduos com a cultura escrita (GALVÃO, 2010; SILVA e GALVÃO, 2007; SOUZA, 2007). Esse estado de conhecimento nos instigou a realizar algumas perguntas iniciais. Afinal, haveria pesquisas que, mesmo não fazendo desse cruzamento de temas seu objeto de estudo, tratassem minimamente da relação entre protestantismo e cultura escrita? Como os trabalhos debruçados acerca da história do protestantismo na pós-graduação nacional abordam essa relação? O presente trabalho se propõe, portanto, a analisar, na produção discente da pós-graduação nacional debruçada sobre a história do protestantismo no Brasil, como aparece a relação entre protestantismo e cultura escrita.

Os principais objetivos que nortearam as fases da pesquisa foram: 1) realizar um levantamento da produção discente da pós-graduação nacional, entre teses de doutorado e dissertações de mestrado, sobre história do protestantismo no Brasil; 2) sistematizar e analisar os dados mais gerais a respeito dos trabalhos encontrados; 3) sistematizar os dados relacionados à cultura escrita presente nos trabalhos; 4) selecionar os trabalhos nos quais a cultura escrita desempenha papel central na problematização do objeto de pesquisa; 5) analisar como esses últimos estudos discutem a relação entre protestantismo e cultura escrita no Brasil.

METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica tem se tornado cada vez mais comum entre as produções acadêmicas na atualidade (FERREIRA, 2002). Ela consiste em proporcionar um conhecimento mais geral a respeito daquilo que já foi produzido em determinado campo de pesquisa, a fim de se poder analisar o que ainda precisa ser feito naquele campo. É uma forma de se divulgar para a sociedade e para a comunidade científica um estado de conhecimento sobre certo tema, normalmente abordado por um grande volume de produções ao qual se tem difícil acesso. Ao mesmo tempo, essas pesquisas também auxiliam os esforços de pesquisadores que se dedicam ao estudo daquele tema, proporcionando uma maior aproximação de sua área de pesquisa. É nesse sentido que propomos aqui um trabalho que consiste não somente em um levantamento da produção na interface entre protestantismo, leitura e escrita de um ponto de vista histórico, mas também em uma leitura mais detalhada e em uma avaliação geral desses trabalhos.

O levantamento dos trabalhos analisados em nossa pesquisa teve como base de dados a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), órgão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Informação. A opção pela utilização dessa base de dados se deve, principalmente, à garantia de acesso ao conteúdo integral dos trabalhos, para que pudessem ser analisados de modo mais aprofundado. Além disso, o sistema de buscas da base apresenta um nível de precisão bem maior do que aquele encontrado em repositórios semelhantes. A BDTD integra hoje os programas de pós-graduação das principais instituições públicas e privadas do Brasil, disponibilizando aos usuários “um catálogo nacional de teses e dissertações em texto integral”,¹ além de “uma forma única de busca e acesso a esses documentos”² por meio da integração dos sistemas de informação sobre os trabalhos disponibilizados pelas próprias instituições. Reconhecemos, no entanto, que essa opção possivelmente excluiu do escopo da análise trabalhos importantes acerca da temática proposta pelo fato de (ainda) não constarem, não terem sido digitalizados³ e/ou não terem sido disponibilizados pelas

¹ Disponível em: <http://www.ibict.br/informacao-para-ciencia-tecnologia-e-inovacao%20biblioteca-digital-Brasileira-de-teses-e-dissertacoes-bdtd>. Acesso em: 13/10/2016.

² Idem.

³ Como é o caso de alguns trabalhos anteriores à década de 2000 que ainda não haviam sido digitalizados por suas respectivas Instituições de Ensino Superior no período de realização de nossa pesquisa e, portanto, também não constaram em nossa base de dados.

instituições de origem. Nesse sentido, consideramos que a base, embora não seja exaustiva – como todas as outras –, é representativa da produção nacional,⁴ permitindo que identifiquemos as principais tendências e lacunas que a caracterizam.

A localização dos trabalhos na plataforma da BDTD foi realizada por intermédio do sistema geral de buscas do site, primeiramente a partir dos descritores “protestantismo” e “história”, que geraram 59 ocorrências. Posteriormente, cruzamos o descritor “protestantismo” com “leitura”, “escrita” e “cultura escrita”, selecionando, entre os trabalhos resultantes das buscas, somente trabalhos relacionados à história do protestantismo⁵ e que não se repetiam. Isso acrescentou, ao *corpus* inicialmente mapeado, sete novos trabalhos, entre os quais, um foi analisado no segundo momento de nossa pesquisa.⁶ Esse trabalho de busca mostrou que nem toda pesquisa de pós-graduação que se debruce sobre algum aspecto da história do protestantismo utiliza o descritor “História” entre suas palavras-chave, o que dificulta sua localização. Do mesmo modo, muitos trabalhos que contribuem significativamente para a construção dessa história sequer utilizam o termo “protestantismo” entre suas palavras-chave. É importante ter isso em mente enquanto analisamos os resultados do presente trabalho. Ao todo, selecionamos, portanto, 66 trabalhos, entre teses e dissertações, que integraram nosso *corpus* de pesquisa. É importante salientar que a busca não foi efetuada tendo como critério as áreas de conhecimento em que os mestrados e os doutorados foram realizados, pois um dos objetivos da pesquisa foi exatamente identificar que campos privilegiavam a problematização da relação entre protestantismo e cultura escrita⁷ em uma abordagem histórica. Também não fizemos qualquer delimitação temporal para a busca dos trabalhos: analisamos todos os que foram localizados – a partir dos descritores utilizados – na base, do período de sua criação (2002) até a data da realização da pesquisa (2016). O primeiro trabalho analisado no *corpus* foi concluído em 2004.

Após o levantamento bibliográfico, catalogamos em tabela os dados referentes aos trabalhos a partir das seguintes informações: instituição dos pesquisadores; título; nome do autor e do orientador; titulação (mestrado/doutorado); área de conhecimento; ano de publicação; descritores utilizados para busca na BDTD; temática geral, objeto de pesquisa; denominação pesquisada; referencial teórico mobilizado; metodologia; fontes consultadas; localidade pesquisada; periodização; principais resultados da pesquisa; importância/centralidade da cultura escrita no trabalho. Alguns dados puderam ser traduzidos em gráficos e tabelas a fim de favo-

⁴ Segundo Blattmann e Santos (2009), conforme dados no Registry of Open Acces Repositories – ROAR (<http://archives.eprints.org/>), a BDTD é a maior iniciativa brasileira em termos de bibliotecas digitais de teses e dissertações.

⁵ Não analisamos na pesquisa trabalhos de cunho sociológico, teológico ou filosófico, por exemplo, mas apenas aqueles com abordagem historiográfica, independentemente das áreas de conhecimento em que se situavam.

⁶ Vale ressaltar que, dos sete novos trabalhos encontrados, seis se inscrevem no campo das Ciências da Religião e um no campo das Ciências Sociais.

⁷ Compreendemos cultura escrita aqui como o papel material e simbólico ocupado pelo escrito *em* e *para* determinada sociedade ou grupo cultural (GALVÃO, 2010), não estando, portanto, restrita ao campo educacional e menos ainda ao campo da educação escolar. Por isso, não nos detivemos somente a respeito do conjunto de teses e dissertações que versavam, por exemplo, sobre a história da educação protestante no Brasil.

recer a análise e a discussão dos resultados. Ao final das fases de levantamento e catalogação, construímos um banco de dados com informações sobre as 66 pesquisas de pós-graduação nacionais relacionadas às temáticas geral (protestantismo no Brasil) e específica (relação entre protestantismo e cultura escrita) de nossa pesquisa. Classificamos, por fim, os trabalhos selecionados, a partir da importância da cultura escrita na problematização de seus objetos de pesquisa. Para isso, procuramos analisar se a cultura escrita no trabalho era: 1) central para a compreensão do objeto de pesquisa, 2) importante para a compreensão do objeto de pesquisa ou 3) secundária – ou seja, quase não aparecia no trabalho. Essa classificação nos permitiu selecionar sete trabalhos em que a cultura escrita era central na investigação, os quais foram analisados e discutidos na fase final de nossa pesquisa.

A PRODUÇÃO DISCENTE NA PÓS-GRADUAÇÃO NACIONAL SOBRE HISTÓRIA DO PROTESTANTISMO NO BRASIL: UMA VISÃO GERAL

As primeiras produções sobre história do protestantismo no Brasil começam a ser escritas pelos próprios fundadores e/ou membros veteranos das igrejas protestantes de missão nas primeiras décadas do século XX e se caracterizam pelo monopólio da história eclesiástica, institucional e autobiográfica (WATANABE, 2011). Segundo Watanabe (2011), essa produção é bastante marcada pelo amadorismo dos autores e por seu apego pelas instituições que se dedicavam a pesquisar. A partir dos anos 1950, a historiografia do protestantismo brasileiro recebe tratamento acadêmico por meio dos trabalhos de Émile-G Léonard, historiador francês especialista em história do protestantismo e que, de acordo com Watanabe (2011), é o primeiro historiador dos *Annales* a ter o Brasil como objeto de estudo, realizando os primeiros estudos acadêmicos sobre o protestantismo brasileiro. O autor também afirma que, entre 1952 e 1982, novas produções são efetuadas por líderes, leigos e teólogos batistas, presbiterianos e metodistas, em comemoração ao centenário de suas denominações no Brasil. Entre as décadas de 1980 e 1990 essa historiografia recebe tratamento acadêmico sociológico – a partir, principalmente, das Ciências da Religião –, especialmente nas pesquisas de Antônio Gouvêa Mendonça, particularmente em seus livros *Introdução ao protestantismo no Brasil*, de 1990, escrito em coautoria com Prócoro Velasques Filho e *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*, publicado pela EdUSP em 1995, abrindo caminho para que, a partir dos anos 2000, a temática do protestantismo começasse a se popularizar como objeto de pesquisa, passando a ser tratada em diversas disciplinas, como Linguística, Educação, Letras, Ciências Sociais, História e Ciências da Religião (WATANABE, 2006). O levantamento bibliográfico feito em nossa pesquisa, em virtude da especificidade da BDTD, se debruça exatamente sobre a última fase de produções a respeito da história do protestantismo identificada por Watanabe (2006).

Catalogamos, portanto, 66 trabalhos de pesquisa, sendo 44 dissertações de mestrado (67%) e 22 teses de doutorado (33%). A hegemonia das dissertações não é um fator relacionado ao tema que analisamos, mas pode ser explicada pelo superdimensionamento do

mestrado na pós-graduação brasileira e do grande número de programas desse tipo existentes no Brasil (BRASIL, 2010). Um fator que parece decorrer mais propriamente do tema escolhido é o da origem da maioria dos trabalhos em Instituições de Ensino Superior (IES) privadas. Apesar de a maior parte da produção científica brasileira estar concentrada nos programas de pós-graduação das universidades públicas (GALVÃO, 2010), 55% de nosso *corpus* de pesquisa foi produzido em programas de pós-graduação de IES privadas, sendo que 32 trabalhos se concentram somente em três instituições confessionais: duas protestantes e uma católica, especialmente em seus programas de pós-graduação em Ciências da Religião.

Outro fator interessante em nosso levantamento diz respeito ao protagonismo da região Sudeste do Brasil na produção dos trabalhos: 67% dos trabalhos selecionados foram produzidos em IES públicas e privadas da região – 61% somente do Estado de São Paulo – o que pode ser explicado pela própria concentração dos programas de pós-graduação brasileiros nessa região do país (BRASIL, 2010).

Figura 1: Distribuição dos trabalhos por IES.

Fonte: *Corpus* de pesquisa.

No que diz respeito às áreas de conhecimento em que os trabalhos selecionados foram desenvolvidos, nosso recorte temático teve impacto direto: Ciências da Religião, História, Educação, Letras, Linguística, Teologia, Ciências Sociais e Sociologia.

Figura 2: Distribuição dos trabalhos por áreas de conhecimento.

Fonte: *Corpus* de pesquisa.

Note-se que 82% de toda a produção selecionada divide-se entre as áreas de Ciências da Religião e História, com predomínio (28 dos trabalhos selecionados) da primeira. Outro fator interessante para o nosso estudo foi o destaque da área da Educação entre as seis demais áreas que produziram trabalhos sobre a história do protestantismo no Brasil.⁸

Sobre as denominações pesquisadas, a maior parte dos trabalhos trata do protestantismo de modo geral (35% dos trabalhos). A denominação presbiteriana se destaca entre as demais, aparecendo como recorte denominacional em 16 trabalhos. Esse fator se deve, possivelmente, à maior facilidade de acesso a fontes referentes a essa denominação, munida de uma vasta gama de documentos oficiais arquivados em igrejas locais e em seminários, além de se destacar nacionalmente pela produção de periódicos, desde 1864, com a criação do *Imprensa Evangélica*, o primeiro periódico protestante produzido no Brasil (SANTOS, 2009). Outro fator interessante é o destaque dado ao pentecostalismo. Três trabalhos se debruçam sobre o pentecostalismo, em geral, e outros três, individualmente, sobre a Igreja Assembleia de Deus, totalizando seis trabalhos, o que se equipara ao número de trabalhos produzidos acerca da denominação batista, por exemplo, presente no Brasil desde a segunda metade do século XIX (MENDONÇA e VELASQUES FILHO, 1990). O adventismo, o congregacionalismo e as experiências de protestantismo pré-imperial aparecem em três trabalhos, cada uma, seguidas pelo metodismo, que aparece em dois trabalhos. O restante figura somente em um trabalho: *Igreja Uniedas*, *O Betel Brasileiro* e o neopentecostalismo como fenômeno. Entretanto, é

⁸ Vale ressaltar que somente um entre os trabalhos realizados no campo da Educação está mais propriamente voltado para a temática da cultura escrita, sendo analisado no segundo momento de nossa pesquisa.

importante afirmar que a especificidade de nossa busca unicamente a partir da base de dados da BDTD pode ter implicado no não aparecimento de importantes trabalhos sobre outras denominações ou até mesmo a respeito das denominações já referidas.

A respeito dos períodos pesquisados, apenas 48 trabalhos especificam detalhadamente a delimitação temporal da pesquisa, enquanto 18 usam expressões mais genéricas e pouco precisas relativas a esse aspecto. Três estudos tratam do protestantismo pré-imperial, assunto muito pouco trabalhado em pesquisas históricas devido à dificuldade de acesso a fontes datadas sobre o período. Entre esses trabalhos, dois se debruçam acerca do século XVI e um sobre o século XVII. É interessante notar que o século XIX aparece em 50% dos trabalhos como temporalidade pesquisada. O século XX aparece em 74% dos trabalhos selecionados na pesquisa, figurando como periodização exclusiva em 21 trabalhos e aparecendo em outros 28 trabalhos. Esse dado pode ser explicado tanto pela maior facilidade de acesso à documentação e à memória de sujeitos que vivenciaram os contextos pesquisados, quanto, possivelmente, pela consolidação das denominações protestantes no Brasil no decorrer do século, levando a uma maior proliferação de igrejas no período.

Sobre as localidades investigadas, 41% dos trabalhos declaram tratar de todo o território brasileiro. Entre aqueles que especificam o espaço das pesquisas, considerando a atual divisão política brasileira, temos que 23% dos trabalhos se debruçam sobre a região Nordeste e outros 23% sobre a região Sudeste – 17% somente sobre o Estado de São Paulo e seus diferentes municípios. Os trabalhos que se detêm sobre as demais regiões (Norte, Centro-Oeste e Sul) representam 9% das pesquisas.⁹ Tal distribuição está relacionada à importância das cidades que hoje compõem o Nordeste brasileiro para a história do protestantismo no Brasil, o que compete diretamente com a concentração das pesquisas na região Sudeste, especialmente na cidade de São Paulo.

Quanto às fontes de pesquisa dos trabalhos, detectamos uma grande variedade, que agrupamos em alguns conjuntos: 1) fontes orais; 2) documentos oficiais; 3) livros; 4) manuscritos – cartas, cadernos, diários pessoais, relatórios de missão etc.; 5) imagens; 6) periódicos – jornais e revistas; 7) impressos em geral – cartilhas de alfabetização, cordéis, folhetos, panfletos, publicações comemorativas; 8) outras fontes – CDs, DVDs, mensagens gravadas (pregações), programas de televisão etc.¹⁰ Os jornais são as principais fontes utilizadas pelos pesquisadores – especialmente entre os trabalhos em que a Cultura Escrita foi considerada central –, fator relacionado diretamente à abundância da produção de periódicos protestantes no Brasil a partir da segunda metade do século XIX, constituindo-se como importante estratégia de consolidação do protestantismo no país até o século XX. Eles aparecem como fonte de pesquisa em 45% dos trabalhos analisados. Os documentos oficiais também se destacam entre as fontes analisadas, aparecendo em 65% dos trabalhos, incluindo atas institucionais, relatórios, anais, boletins, cartas pastorais, registros eclesiais, registros de matrículas de seminários, almanaques, censos demográficos, documentos estrangeiros, leis, relatórios administrativos provinciais, entre outros.

⁹ Os números não contabilizam aqui um total de 100% devido ao fato de termos levado em conta as intercessões, ou seja, trabalhos que se debruçam sobre mais de uma cidade ou região.

¹⁰ Nesse caso, consideramos novamente as intercessões, dado o fato de que uma diversidade de fontes pode ser encontrada em um mesmo trabalho dependendo de seu recorte temático e objetivos.

Quanto às metodologias de investigação, contando aqui também com as intercessões, a *análise de documentos* é a que mais aparece nas pesquisas, figurando em 47 trabalhos (73% do *corpus* analisado). A *análise bibliográfica* aparece em 26 trabalhos, seguida da *análise de discurso*, que figura em 14 trabalhos. A *entrevista* aparece em oito trabalhos, sempre com outras metodologias, especialmente com a *análise de documentos*. Algumas pesquisas apresentam a observação como metodologia conjunta à de entrevista. O restante das metodologias aparece somente uma vez entre os trabalhos: *análise de material didático*, *análise de representações sociais*, *construção de banco de dados*, *estudo de campo*, *mitanálise*, *mitocrítica*¹¹ e *questionário*. Note-se aqui que alguns procedimentos e abordagens metodológicas não são próprias da pesquisa histórica, como o questionário, estudo de campo, observação e análise bibliográfica, o que expressa certa ausência de intimidade de alguns pesquisadores com o campo da História.

A partir da análise dos títulos, dos resumos e dos objetivos dos trabalhos, criamos 17 categorias de temas gerais nos quais categorizamos os trabalhos selecionados: 1) filosofia do protestantismo; 2) heterologias;¹² 3) histórias de formação de igrejas; 4) historiografia do protestantismo brasileiro;¹³ 5) inserção e influência do protestantismo local; 6) personagens históricos do protestantismo nacional; 7) protestantismo e civilização;¹⁴ 8) protestantismo e educação; 9) protestantismo e embates;¹⁵ 10) protestantismo e mulher;¹⁶ 11) protestantismo e identidade;¹⁷ 12) protestantismo e imprensa; 13) protestantismo e mídia; 14) protestantismo e missão; 15) protestantismo e música; 16) protestantismo e política;¹⁸ 17) protestantismo e relações inter-denominacionais.¹⁹

É interessante notar como um levantamento sobre história do protestantismo no Brasil faz evocar tão expressivamente a temática da educação que aparece, ao lado da identidade

¹¹ As últimas aparecem em um trabalho na área de Ciências da Religião, constituindo-se dois métodos denominados de *Mitodologia*, ou seja, métodos de estudo dos mitos. Os termos, segundo o autor do trabalho, remontam à década de 1970, forjando-se na confluência das áreas da Antropologia, Sociologia e especialmente da Psicanálise (PEIXOTO, 2008).

¹² Demos o nome *heterologias* aos trabalhos que têm como objeto o discurso do “outro” a respeito do protestantismo brasileiro, sendo este “outro” o católico ou “não-protestante” de modo geral.

¹³ Trata-se aqui de trabalhos que se dedicam à construção de uma história da própria historiografia do protestantismo brasileiro.

¹⁴ Referimo-nos aqui a pesquisas que focalizam especificamente o impacto social do protestantismo por meio de ações sociais, projetos civilizacionais de missionários protestantes no século XIX ou discussões que relacionavam, ainda no século XIX, a adoção da religião protestante à construção de um projeto de sociedade mais progressista, liberal e democrática.

¹⁵ Referimo-nos aqui a trabalhos que discutem os confrontos diplomáticos, disputas teológicas e discussões entre católicos e protestantes, além das disputas entre diferentes denominações do próprio protestantismo.

¹⁶ Trata-se de trabalhos que constroem uma historiografia das mulheres no contexto do protestantismo nacional.

¹⁷ Trata-se aqui de características culturais de certas denominações e suas relações e influências na comunidade local, a construção de identidades protestantes ao longo de certos períodos, sobre os protestantismos étnicos – por exemplo, indígenas –, além de reflexões sobre mudanças e transformações de crenças e práticas ao longo da história do protestantismo.

¹⁸ Trata-se aqui de pesquisas sobre discursos políticos em periódicos protestantes, os posicionamentos políticos de protestantes durante certos períodos da história do Brasil, além da participação de igrejas em movimentos sociais.

¹⁹ Esses trabalhos tratam da relação inter-denominacional entre protestantes no Brasil.

(15%), como um dos assuntos mais estudados (14%). As outras temáticas mais expressivas foram: “história de formação de igrejas locais” e as relações entre protestantismo e civilização, mulher, imprensa e política, cada uma com 8% dos trabalhos. Destaca-se a importância da questão da mulher, silenciada nos principais livros sobre história do protestantismo brasileiro (WATANABE, 2006; 2011) e que somente recebe tratamento especial a partir dos anos 2000, no contexto das pesquisas acadêmicas. A imprensa também é uma temática expressiva entre os trabalhos, especialmente pela abundância de jornais confessionais produzidos pelos protestantes no Brasil desde o século XIX, constituindo-se hoje em uma fonte significativa para trabalhos historiográficos e ainda indicando a importância da relação entre protestantismo e imprensa. Todos os trabalhos a respeito dessa temática foram incluídos entre aqueles em que a cultura escrita possui papel central e serão analisados no tópico seguinte.

A CENTRALIDADE DA CULTURA ESCRITA NOS TRABALHOS

Embora grande parte dos trabalhos não trate diretamente da temática da cultura escrita nem mesmo contenha alguma parte de seu conteúdo dedicada a discutir especificamente o assunto, a maioria das teses e dissertações analisadas não escapa à apresentação de práticas de leitura e escrita que marcaram a história da consolidação do protestantismo no Brasil. Essas práticas e os objetos a elas referentes são abordados às vezes como referência à atividade protestante em solo nacional – aparecendo aqui especialmente os impressos vendidos e distribuídos pelos colportores,²⁰ as escolas e os colégios construídos pelos missionários e principalmente a distribuição nacional de periódicos (jornais e revistas). Nesse sentido, podemos dizer que a cultura escrita aparece em todos os trabalhos selecionados nesta pesquisa. Entretanto, na maioria (76%), está presente de forma secundária.

Os trabalhos em que a cultura escrita foi observada como *importante para a compreensão do objeto de pesquisa* representam 14% das teses e dissertações selecionadas em nossa pesquisa, enquanto aqueles em que a cultura escrita foi considerada *central* no mesmo sentido, representam 10%. Os últimos se concentram nas áreas de História (3), Educação (1), Letras (1), Linguística (1) e Ciências da Religião (1), sendo quatro doutorados e três mestrados defendidos entre 2005 e 2014.

Em se tratando especificamente dos últimos trabalhos em que a cultura escrita é *central*, as principais denominações pesquisadas são o presbiterianismo e a igreja Batista. O século XIX é a periodização que mais aparece nessa seleção (seis trabalhos), seguida pela primeira metade do século XX (quatro trabalhos). O século XIX é periodização exclusiva em três dos sete trabalhos. As fontes mais utilizadas nas pesquisas, aparecendo em todos os sete selecionados, são os jornais, especialmente os jornais confessionais, que constituem a principal documentação mobilizada em três trabalhos. Alguns estudos, em virtude da amplitude da pesquisa, anunciam como fonte impressos confessionais em geral, incluindo-se aí revistas, livros, opúsculos, folhetos, entre outros. Os catálogos evangélicos oitocentistas aparecem

²⁰ Vendedores/distribuidores de Bíblias, folhetos, livros e outros impressos protestantes, normalmente contratados por sociedades bíblicas estrangeiras em sua missão de proselitismo em solo nacional.

como fonte em um trabalho e os cordéis, embora ausentes em todos os demais trabalhos, apresentam-se em um deles como principal fonte de pesquisa. O mesmo trabalho também exibe como fonte os jornais seculares e as cartas pastorais da Igreja Católica.²¹ A principal metodologia de pesquisa utilizada é a análise de documentos, aparecendo em todos os trabalhos e protagonizando seis deles. A análise de discurso aparece em um dos trabalhos. Partindo das mesmas categorias de agrupamento temático que efetuamos anteriormente, cinco trabalhos que analisamos nesse segundo momento se enquadram na categoria “protestantismo e imprensa”, um na de “protestantismo e educação” e um na de “heterologia”.

COMO APARECE A RELAÇÃO ENTRE PROTESTANTISMO E CULTURA ESCRITA NOS TRABALHOS ANALISADOS?

De modo geral, notamos que os próprios títulos e subtítulos dos trabalhos já apontam para a relação entre protestantismo e cultura escrita, como podemos ver no trabalho de Cruz (2014) – *Cultura Imprensa e prática protestante no Oitocentos* e no de Addamovicz (2008) – *Imprensa protestante na Primeira República: evangelismo, informação e produção cultural – o Jornal Batista (1901-1922)*. As autoras fazem referência à existência de uma imprensa especificamente protestante presente no Brasil desde o século XIX, além de uma delas (ADDA-MOVICZ, 2008) indicar três finalidades e/ou consequências importantes dessa imprensa: o evangelismo (proselitismo protestante), a informação e a produção cultural. O mesmo acontece com o título do trabalho de Vasconcelos (2010) – *As boas novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)* –, que já se refere ao fato de que não havia somente impressos, mas também uma imprensa protestante no Brasil entre 1837 e 1930. Essa imprensa, como afirmado pelo autor, tinha como principal função o proselitismo protestante em território nacional. O trabalho anterior de Vasconcelos (2005) – *Os novos-seitas*:²² *a presença protestante na perspectiva da literatura de cordel: Pernambuco e Paraíba (1893-1936)* – já mostra uma relação mais indireta entre protestantismo e cultura escrita, no sentido de que a presença protestante no Brasil provocou reações no campo da literatura de cordel, o que teve implicações não somente na escrita dos cordelistas, mas também em uma leitura das disputas entre protestantismo e catolicismo típicas do período. O trabalho de Silva (2013) – *Guiando almas femininas: a educação protestante da mulher em impressos confessionais no Brasil e em Portugal (1890-1930)* – também remete a uma questão relevante para a nossa investigação: o fato de que impressos protestantes serviram ao propósito educativo, o que implica possivelmente na promoção da aproximação de indivíduos com o mundo da escrita. Outro fato interessante é exibido no título do trabalho de Nogueira (2013) – *Uma leitura do Jornal Imprensa Evangélica a partir do romance Lucila*²³ –, que indica a presença de uma obra literária compondo o conteúdo de um dos principais periódicos protestantes desde

²¹ Esses tipos de fontes são utilizados somente neste trabalho.

²² Expressão comumente usada para se referir aos protestantes em Pernambuco e na Paraíba no período analisado pela autora.

²³ Trata-se de uma obra escrita originalmente em francês, com o título *Lucille, ou la Lecture de la Bible*, tendo como subtítulo *Conférences et lettres sur les Grande Vérités Bibliques* (NOGUEIRA, 2013). Nogueira (2013) translitera o nome da personagem principal para *Lucila*, porém, segundo o autor, no jornal *Imprensa Evangélica*, o nome usado era *Lúcia*.

o século XIX. Esse mesmo periódico é também objeto de pesquisa de Santos²⁴ (2009) – *O Imprensa Evangelica: diferentes fases do jornal no contexto brasileiro predominante católico dos anos 1864-1892* –, que também mostra a existência relativamente duradoura de um periódico protestante em um contexto histórico predominantemente marcado pelo catolicismo romano no Brasil. Note-se que em alguns trabalhos os títulos já indicam não apenas uma natural e evidente relação entre protestantismo e cultura escrita, mas também uma interpretação dessa relação.

Na leitura dos trabalhos selecionados para análise mais aprofundada, procuramos primeiramente analisar os modos e os momentos em que a relação entre protestantismo, leitura e escrita é apresentada nos trabalhos. Posteriormente, procuramos descrever a análise que os próprios autores fazem dessa relação, buscando focalizar as conclusões a que chegam. A relação entre protestantismo e cultura escrita aparece nos trabalhos normalmente quando os autores fazem referência:

1. Às atividades educativas dos protestantes (missionários e convertidos) em território nacional por meio da alfabetização, da criação de turmas de educação elementar, colégios, seminários, entre outros;
2. Aos impressos protestantes, suas funções e seus conteúdos: bíblias, livros (literaturas teológicas, romances etc.), revistas, folhetos e, principalmente, jornais confessionais;
3. À atividade editorial protestante por meio de tipografias, gráficas e, posteriormente, pelas “casas publicadoras”;
4. Às atividades dos colportores na venda e na distribuição de impressos protestantes;

A partir dessas temáticas gerais, discutiremos a questão central de nossa pesquisa, ou seja, sobre como a relação entre protestantismo, leitura e escrita aparece nos trabalhos.

AS ATIVIDADES EDUCATIVAS DOS PROTESTANTES

Uma das temáticas que mais fazem emergir a relação entre protestantismo e cultura escrita nos trabalhos analisados é a da educação. Aqui incluímos referências a toda prática educativa dos protestantes no Brasil, desde a promoção de educação elementar e formação de turmas de alfabetização até a fundação de colégios e seminários. As análises presentes nos trabalhos de Silva (2013) e Vasconcelos (2010) demonstram que a relação entre protestantismo e cultura escrita no campo educacional nasce não necessariamente de ações sociais filantrópicas, mas principalmente das necessidades históricas e sociais de proselitismo: “A leitura desempenhou papel importante no processo constitutivo do tornar-se protestante (...) uma vez que muito desse ideário era passado aos (futuros ou possíveis) seguidores sob a forma de impresso” (SILVA, 2013, p. 39). Além do proselitismo, o dogma protestante do sacerdó-

²⁴ Os direitos sobre o conteúdo dessa dissertação foram adquiridos pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, que a publicou no ano de 2009 em formato de livro sob o título *O Jornal Imprensa Evangelica: diferentes fases no contexto brasileiro (1864-1892)*”, o qual me foi disponibilizado pela autora e do qual retiro as informações referentes à dissertação defendida originalmente na Pontifícia Universidade Católica do Paraná em 2006. Portanto, tomaremos o formato de livro desse trabalho para referências e citações deste ponto em diante.

cio universal de todos os crentes²⁵ implicava a urgência da leitura bíblica por todo fiel – não sendo suficiente aquela leitura mediada pelo clero –, o que impôs, ao longo da história do protestantismo (não sendo diferente no Brasil), a necessidade de uma educação minimamente rudimentar para todos (SILVA, 2013). Segundo a autora, a partir do estabelecimento dos protestantes norte-americanos no Brasil, os analfabetos que deles se aproximavam vivenciavam uma nova perspectiva religiosa em que “leitura e fé são partes de um todo” (p. 80), passando, portanto, “a frequentar a escola para ter acesso à palavra impressa” (p. 79). Vale ressaltar que, além de uma educação meramente rudimentar que consistia em turmas de alfabetização, a fundação de colégios também estava nos projetos de muitos missionários em sua vinda para o Brasil ainda no século XIX, em seus projetos de atuação a partir da tríade igreja-escola-hospital. Quando a tríade não era possível, se mantinha pelo menos o binômio igreja-escola (SILVA, 2013; CRUZ, 2014). Vasconcelos (2010) afirma que, para batistas e presbiterianos, os colégios eram vistos como uma forma indireta de evangelização.

Uma relação interessante com a cultura escrita nesse contexto é evidenciada por Nascimento (*apud* SILVA, 2013, p. 104) ao afirmar que a estratégia protestante de distribuir impressos num país com altos índices de analfabetismo funcionou como uma espécie de “estímulo para a massa analfabeta que viu a possibilidade de ter acesso a uma literatura de leitura fácil, além da bíblia em português, que geralmente era restrita aos clérigos”, o que mostra a existência de uma relação com a cultura escrita não mediada pelo âmbito escolar. Além disso, a autora assevera que missionários professores eram enviados para instalar escolas primárias confessionais em locais onde os colportores detectavam a presença de muitos analfabetos (NASCIMENTO *apud* SILVA, 2013). Santos (2009, p. 35) afirma que os presbiterianos “aproveitaram a deficiência da área educacional brasileira e utilizaram-na como um dos meios de promover a expansão protestante”. Investiu-se, segundo a autora, em cursos de alfabetização, de formação de pastores nacionais, em escolas paroquiais que ofereciam o ensino elementar, sempre voltadas para a leitura da Bíblia, além do investimento na criação de escolas e colégios com metodologia diferenciada em relação àquelas aplicadas nas escolas brasileiras do período (SANTOS, 2009). “As escolas paroquiais ou de primeiras letras eram responsáveis, grosso modo, por ensinar os rudimentos da leitura e da escrita, além de noções rudimentares de aritmética” (SILVA, 2013, p. 41), funcionando comumente ao lado de igrejas e até mesmo dentro delas, nas Escolas Dominicais. Silva (2013) afirma que essas escolas eram gratuitas e não possuíam distinção de sexo e de classe social, “apesar de serem mais frequentadas por pessoas menos favorecidas” (p. 41). Já os colégios ofereciam uma educação mais ampla e diversificada, com classes seriadas, docentes bem preparados e materiais pedagógicos específicos, custeados conjuntamente pelas juntas missionárias e pelos pais dos alunos. Segundo Silva (2013, p. 41), grande parte desses colégios “oferecia bolsas de estudos para alunos carentes”. As mulheres, nesses

²⁵ Ideia central para o protestantismo e outros movimentos reformistas anteriores como o dos Valdenses (século XII), Hussitas (século XV) e Lollardos (séculos XIV e XV): a de que não há necessidade de sacerdotes para mediar a relação entre o cristão e Deus – incluindo-se aqui também a interpretação das Escrituras – a não ser o próprio Jesus Cristo, ao qual se tem acesso por meio do Espírito Santo que, por sua vez, habitaria em todo cristão (MCGRATH, 2005; GEORGE, 1994).

espaços, não exerciam somente a condição de discente, mas também de docente, além de cargos administrativos (SILVA, 2013).

Outra relação no campo educacional é evidenciada por Vasconcelos (2005), que afirma que os protestantes também entregavam Bíblias em colégios, pois era comum na época a utilização de textos religiosos para o aprendizado da leitura (SELLARO, 1987 *apud* VASCONCELOS, 2005).²⁶ Além de Bíblias, outros impressos protestantes também eram distribuídos em escolas brasileiras para fins educativos, como aconteceu com um livro de Sarah Poulton Kalley,²⁷ aprovado pelo Conselho de Instrução Pública, em 1880, para ser utilizado em escolas públicas brasileiras no processo de ensino-aprendizagem (VASCONCELOS, 2010).

Por fim, um último exemplo da forma como a cultura escrita aparece nas referências ao trabalho educativo protestante no Brasil se encontra no trabalho de Addamovicz (2008), quando a autora enfatiza a importância reivindicada pelos protestantes de uma base escritural para defesa de argumentos em um debate, motivo pelo qual, segundo a autora, os fiéis prezavam por uma educação teológica, tanto por meio de Escolas Dominicais quanto de uma formação mais aprofundada em um seminário teológico.

OS IMPRESSOS PROTESTANTES

O campo dos impressos é o que mais faz emergir referências diretas e indiretas à relação entre protestantismo e cultura escrita na história do Brasil. Aqui nos referimos aos diversos tipos de impressos aos quais os autores se referem. A imprensa é analisada por Silva (2013, p. 82) como um dos principais instrumentos por meio dos quais a Reforma “fomentou uma organização social diferente, inclusive alterando a função doméstica, do lar, elevando, por vezes, esse espaço a uma dimensão educativa relevante”. Uma relação interessante entre protestantismo, imprensa e mulher é destacada por Silva (2013) ao afirmar que, na imprensa portuguesa, a mulher teve oportunidade de participar, pela escrita em periódicos e em outros impressos, até mesmo no desenvolvimento de um novo conceito de mulher que estava se consolidando entre os anos finais do século XIX e os iniciais do século XX. Eisenstein (*apud* SILVA, 2013, p. 63) assevera que o protestantismo, em relação à imprensa, foi o primeiro movimento a “explorar cabalmente o potencial da imprensa como meio de massa” e também foi o primeiro movimento a “utilizar os novos prelos como meio de propaganda e agitação abertas contra uma instituição estabelecida”. Para Cruz (2014, p. 173), o protestantismo inaugura um “conjunto distinto de escrita, publicações e práticas de leitura centradas no poder da Palavra para transformar o mundo”, o que a autora chama de

²⁶ A referência diz respeito à dissertação de mestrado de Lêda R. A. Sellaro, defendida na Universidade Federal de Pernambuco, ainda na década de 1980, sob o título *Colégios protestantes em Pernambuco na década de 20*, um dos primeiros trabalhos realizados no Brasil no cruzamento dos campos da história do protestantismo e da educação no Brasil.

²⁷ Missionária, colportora, escritora, professora e musicista inglesa no Brasil, companheira e esposa do reverendo Robert Reid Kalley na implantação da Igreja Congregacional no Brasil (VASCONCELOS, 2005; SILVA, 2013).

cultura impressa protestante. Entre as principais funções dos impressos apontadas nos trabalhos estão a propagandística, a educativa e a apologético-embativa. A última diz respeito especialmente às disputas teológicas com a Igreja Católica (mas também com outros protestantes e com dissidências do protestantismo tradicional) empreendidas pelos missionários por meio de jornais laicos e confessionais, produções literárias como livros e folhetos e da apologia do protestantismo como uma religião mais propícia às transformações políticas, econômicas e sociais ora difundidas, especialmente o liberalismo (ADDAMOVICZ, 2008; NOGUEIRA, 2013; SANTOS, 2009; VASCONCELOS, 2005, 2010).

A maioria dos trabalhos mostra que as primeiras relações entre protestantismo e cultura escrita no Brasil foram estabelecidas a partir da distribuição, primeiramente de Bíblias e, posteriormente, de outros impressos protestantes, como folhetos e livros apologéticos produzidos por sociedades bíblicas estrangeiras, especialmente britânicas e norte-americanas, distribuídos em solo brasileiro por capelães e colportores.

Além dessas práticas, antes da consolidação de uma imprensa propriamente protestante no Brasil, os primeiros missionários publicavam textos (inclusive literários) de caráter apologético e proselitista em jornais seculares do país (CRUZ, 2014; SANTOS, 2009; VASCONCELOS, 2010). Posteriormente se consolidou uma imprensa propriamente protestante no Brasil, com edição própria de jornais, folhetos e livros confessionais, começando pelo jornal *Imprensa Evangelica*, em 1864, fundado por Ashbel Green Simonton, fundador também do presbiterianismo no país (CRUZ, 2014; SANTOS, 2009; VASCONCELOS, 2010). Para Cruz (2014), há duas relações dos protestantes com a cultura impressa ao longo de sua história no território brasileiro: aquela que se dá por meio da apropriação protestante dos jornais laicos, escrevendo e lendo, e aquela que se dá a partir da produção, escrita, circulação e leitura de jornais propriamente protestantes (CRUZ, 2014).

Segundo Vasconcelos (2010), a relação do protestante com o “outro” protestante, católico e também com as dissidências do protestantismo tradicional (adventistas e pentecostais, por exemplo) foi com frequência mediada pela imprensa jornalística. Cruz (2014) afirma que, além da apologética e do proselitismo, assim como os jornais laicos, os jornais protestantes também promoviam a informação, a ilustração (arte, literatura instrutiva e conhecimentos instrutivos) e o deleite (ficções, romances folhetins, contos, fábulas, anedotas, entre outros). Divergiam dos jornais laicos somente em dois aspectos: a ausência de filiação político-partidária clara e de menções ao assunto da moda. De acordo com Cruz (2014), esses impressos seguiam certo padrão, consistindo normalmente em: a) subsídios para os professores de escola dominical, b) divulgação de doutrinas por meio de artigos e c) apropriação de notícias dos demais jornais (inclusive os laicos). Alguns jornais postavam também hinos e anúncios de livros confessionais e não-confessionais. Diversos gêneros veiculados nos jornais protestantes oitocentistas são listados e descritos no trabalho de Cruz (2014): sermão, fábula, conto, parábola, poema, estudo teológico, enigma, carta, artigo de opinião, tratado doutrinário, ensaio literário, romance, comentário bíblico, catecismo, liturgia, relatório, hino, tratado histórico, citações, trava-língua e anedota. Conforme Santos (2009), o jornal por ela analisado também veiculava lições de escola dominical,

ordenando o trabalho de professores periodicamente. Santos (2009) assevera também que no *Imprensa Evangelica* havia sessões de anúncios, notícias nacionais e internacionais, variedades, avisos, hinos, ilustrações, poesias e índice anual, salmos, entre outros, dadas as variações ao longo das diferentes fases do periódico. Segundo a autora, “o pequeno número de missionários e a escassez de Bíblias e livros religiosos foram supridos pela leitura dos artigos publicados no jornal evangélico” (SANTOS, 2009, p. 135). A autora também afirma que Simonton incentivava seus leitores a encadernarem os periódicos do *Imprensa Evangelica* a fim de poderem ser consultados e pesquisados futuramente (SANTOS, 2009). Cada uma dessas práticas aponta para uma relação doutrinal e religiosa com o impresso, o que se pode afirmar como uma característica da relação entre protestantismo e cultura impressa no Brasil.

Sobre a abrangência dos jornais em língua portuguesa, é interessante observar que não circulavam somente no Brasil, mas também atendiam comunidades de brasileiros em outros países, como nos Estados Unidos, por exemplo (VASCONCELOS, 2010).

Apesar de o objeto jornal ser bastante privilegiado e mais comumente citado na maioria dos trabalhos, outro impresso protestante muito importante no período de crescimento e consolidação do protestantismo no Brasil, especialmente entre os batistas (VASCONCELOS, 2010), foi o folheto. Outro gênero existente no período, identificado por Cruz (2014), era o dos manuais de civilidade. Um exemplo do gênero apresentado pela autora são os conselhos de Sarah Kalley para mulheres protestantes, que continham orientações para o comportamento das mulheres nos âmbitos privado e público (CRUZ, 2014). Vasconcelos (2010) também mostra a existência de almanaques interdenominacionais voltados para evangelização e principalmente para o discipulado cristão protestante. A escassez de literatura religiosa em território nacional é considerada por Vasconcelos (2010) como uma possível justificativa para o sucesso na distribuição dos diversos impressos protestantes no Brasil. De acordo com a autora, ainda em 1915 a denominação batista já contava com 104 livros e 53 folhetos em divulgação no território brasileiro (VASCONCELOS, 2010).

AS ATIVIDADES EDITORIAIS DOS PROTESTANTES

Outro campo que faz emergir informações importantes sobre a relação entre protestantismo e cultura escrita nos trabalhos selecionados é o da atividade editorial protestante. Destacamos aqui referências e informações contidas nos trabalhos analisados, sobre diversos aspectos ligados à produção de impressos, especialmente os jornais.

Por questões relacionadas ao tamanho do público leitor inicial e, por conseguinte, aos custos para impressão nas gráficas brasileiras, a princípio os protestantes imprimiam a maioria de seus impressos por meio de editoras estrangeiras localizadas principalmente em Portugal, Inglaterra e Estados Unidos, se mantendo economicamente por meio de anúncios de empreendimentos parceiros, produtos e serviços (VASCONCELOS, 2010). Essa prática se devia principalmente ao fato de que os primeiros impressos protestantes distribuídos no Brasil serem financiados por instituições missionárias e sociedades bíblicas principalmente

desses três países (VASCONCELOS, 2010). Outra estratégia era a utilização de tipografias nacionais, como acontecia com o jornal *Imprensa Evangelica* (SANTOS, 2009). A montagem de uma tipografia propriamente protestante ainda em 1894 é mérito dos metodistas no território nacional (VASCONCELOS, 2010). É importante observar diante disso que a atividade editorial protestante no Brasil é analisada nos trabalhos não somente como um fator motivado por interesses expansionistas norte-americanos, mas também, e principalmente, por um interesse religioso na conversão dos brasileiros às denominações protestantes.

Uma informação importante levantada por Vasconcelos (2010) é que não havia repórteres ou profissionais da notícia envolvidos no processo de produção dos jornais protestantes, o que indica que muitos indivíduos eram aproximados do mundo da escrita – e mais especificamente do mundo da mídia escrita – sem que tivessem esse pré-requisito. Com o passar dos anos esse aspecto da relação entre protestantismo e cultura escrita no Brasil se aperfeiçoou. Duas estratégias de difusão do impresso, nesse sentido, foram a criação de uma “rede de depósitos” – casas e estabelecimentos onde se poderiam encontrar, para venda e distribuição, materiais protestantes – e as livrarias, que não realizavam somente a venda, mas também o “desenvolvimento de suas atividades editoriais” (VASCONCELOS, 2010, p. 132). Segundo a autora, anteriormente as livrarias laicas eram as principais responsáveis por esse tipo de distribuição do escrito protestante, porém ainda na década de 1870, foi criada uma livraria especificamente protestante no Rio de Janeiro (VASCONCELOS, 2010). A autora também afirma que, no final do século XIX, já havia uma Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos (SBTE), uma organização presbiteriana que publicou diversos folhetos protestantes em território nacional (VASCONCELOS, 2010). Havia também uma Sociedade Tipográfica Evangélica, que procurava “facilitar o acesso dos brasileiros à boa literatura” apesar da pouca instrução formal e também do baixo poder aquisitivo da maioria da população (VASCONCELOS, 2010, p. 52). As Casas Publicadoras também foram uma estratégia de difusão dos impressos protestantes no Brasil. Além de participar da produção de impressos, elas também empregavam colportores, ao lado das juntas missionárias estrangeiras, gerando uma atividade missionária nacional (VASCONCELOS, 2010). É interessante observar que não era somente o protestantismo tradicional (presbiteriano, batista, metodista, congregacional etc.) que mantinha essa relação com a cultura escrita por meio da produção impressa. “A criação de órgãos editoriais pelos dissidentes²⁸ era tida pelos mesmos como condição *sine qua non* da consolidação de sua igreja, denotando a percepção que tinham acerca da relação entre a produção de impressos e a constituição da denominação” (VASCONCELOS, 2010, p. 96).

Vale observar que a relação entre protestantismo e atividade editorial no Brasil é, em grande medida, um fator favorecido pelo momento histórico vivido na segunda metade do século XIX que, de acordo com Cruz (2014, p. 232), “se reveste de importância para a ampliação e divulgação de uma cultura impressa religiosa considerando o crescimento do mercado editorial e o amplo número de tipografias que se proliferaram no Brasil desse tempo”. Assim, o protestantismo não necessariamente foi responsável pela proliferação dos

²⁸ Leia-se aqui: os adventistas, testemunhas de jeová e também os pentecostais.

meios de produção de impressos no Brasil, embora sem dúvida tenha tido papel relevante na produção e circulação de impressos no país.

AS ATIVIDADES DOS COLPORTORES

Os colportores eram comerciantes de Bíblias, livros e folhetos protestantes, normalmente advindos de sociedades bíblicas norte-americanas e britânicas. Inicialmente, eram identificados à venda e distribuição de Bíblias em língua nativa no território brasileiro e também em toda a América Latina (ADDAMOVICZ, 2008). Vasconcelos (2010) destaca que esses comerciantes, que muitas vezes eram também missionários, apostavam no poder da leitura das Escrituras para transformação e salvação do leitor. A colportagem foi a principal forma de atuação protestante nos primeiros anos do protestantismo no Brasil e, mesmo com o rápido surgimento de outras estratégias mais abrangentes de evangelização, como a imprensa, a atividade continuou depois de muitos anos, como mostram os trabalhos selecionados em nossa pesquisa. Silva (2013) afirma que esses missionários não somente difundiam socialmente o escrito por meio da distribuição de impressos, mas também atuavam como diagnosticadores da presença de analfabetos nas regiões em que atuavam, convocando a atuação de missionários professores para regiões em que havia uma necessidade mais urgente de alfabetização. Vasconcelos (2010) chama a atenção para o fato de que os colportores foram os principais agentes de distribuição de impressos protestantes, especialmente nos primeiros anos do protestantismo no Brasil. Era parte da estratégia das sociedades bíblicas estrangeiras que o preço das Bíblias oferecidas pelos colportores deveria ser mais baixo do que qualquer Bíblia oferecida no país (VASCONCELOS, 2010). Entretanto, a principal finalidade dos impressos (a conversão do público-alvo) parece ter se sobressaído algumas vezes a fatores econômicos. Emile G. Léonard, considerado o primeiro historiador a lançar um olhar histórico e científico sobre o fenômeno protestante no Brasil na primeira metade do século XX, afirma que as caixas com as Bíblias eram “algumas vezes pura e simplesmente abertas na alfândega dos portos do Sul do país, para quem quisesse pegá-las (...) mesmo na zona rural, onde o número de leitores era ainda menor, a distribuição de Bíblias foi um fator estratégico importante” (*apud* VASCONCELOS, 2005, p. 49). Silva (2013) também mostra a existência de uma colportagem aparentemente despretenhosa por parte de alguns protestantes, tanto em relação a uma indicação denominacional para possíveis convertidos, quanto em relação a lucros financeiros.

Uma prática interessante no sentido de uma aproximação de sujeitos com a cultura escrita é referida por Vasconcelos (2005). Nela, os colportores escolhiam adeptos locais do protestantismo como leitores para os demais que, em sua maioria, não sabiam ler. Vale ressaltar que a relação com a cultura escrita não se dá somente por meio da aproximação direta entre os leitores e o papel, mas também pode ser mediada pela leitura de outros, como mostram alguns trabalhos.²⁹

²⁹ Ver, por exemplo, o trabalho de Galvão (2001), sobre o cordel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na leitura dos 66 trabalhos selecionados no primeiro momento, e mesmo nos sete trabalhos que tratam mais especificamente da relação entre protestantismo e cultura escrita, pudemos notar uma quase ausência de referenciais teóricos da História da Cultura Escrita. Certamente, esses referenciais poderiam trazer elementos importantes no processo de coleta e análise dos dados das pesquisas. Por sua vez, se nesse levantamento realizamos uma busca por trabalhos que cruzassem as temáticas do protestantismo e da cultura escrita, provavelmente há certa ausência da temática do protestantismo entre os trabalhos sobre História da Cultura Escrita, temática que também poderia acrescentar significativamente nesse campo de pesquisas. Além disso, constatamos também certa falta de clareza, em grande parte dos trabalhos, sobre os referenciais mobilizados, o que nos impossibilitou de realizar uma análise mais aprofundada a respeito da orientação teórica desses trabalhos.

A aproximação de indivíduos das culturas do escrito, embora perpassasse os campos de discussão que fazem emergir as relações entre protestantismo e cultura escrita no presente trabalho, não se constitui como um eixo de análise ou de problematização de pesquisa nos trabalhos. Nesse sentido, vale ressaltar que uma discussão mais aprofundada sobre essa aproximação, possivelmente promovida pelo protestantismo, continua aguardando por ser produzida no contexto acadêmico. Vale lembrar que, mesmo quando não havia uma aproximação mais direta por meio da alfabetização ou da criação de necessidades de usos da leitura e da escrita, havia também uma aproximação que se dava no campo da oralidade, como acontecia, por exemplo, nos casos em que, na ausência de um pastor ou de um pregador nos cultos, algum membro letrado ficava responsável por ler artigos de folhetos ou de jornais protestantes para o restante da comunidade – prática por meio da qual, segundo Silva (2013), igrejas eram formadas em certas cidades antes mesmo da chegada de pregadores ou pastores. O papel da oralidade nessa aproximação é ainda lacunar nas produções e se recomenda como sugestão para futuras pesquisas.

Em geral, os ramos presbiteriano e batista do protestantismo são os mais explorados, especialmente entre os pesquisadores que tomam a cultura escrita como objeto central dos trabalhos. É importante destacar, entretanto que, embora as análises sobre o pentecostalismo e as denominações pentecostais se equiparem em número àquelas acerca da denominação batista na produção mais geral a respeito do tema do protestantismo em nosso levantamento, as relações entre pentecostalismo e cultura escrita são um importante campo a ser explorado em futuras pesquisas,³⁰ dada a hegemonia de análises nesse campo sobre denominações mais antigas e tradicionalmente associadas à leitura e à escrita.

Destacamos que duas tradições importantes no protestantismo brasileiro, o luteranismo e o anglicanismo, quase não aparecem no *corpus* analisado, salvo breves referências, especialmente em reconstituições da história do protestantismo no Brasil. É importante observar, no entanto, que as referidas tradições, ambas pioneiras do protestantismo de missão no Brasil, não se popularizaram em solo nacional, nem alcançaram proporções semelhantes

³⁰ Como já acontece no trabalho de Silva e Galvão (2007).

às dos presbiterianos e batistas, por exemplo (BRASIL, 2017), motivo pelo qual também as indicamos como possíveis campos de investigação, especialmente no sentido de uma maior compreensão de sua importância no território nacional.

É importante destacar que a maioria dos trabalhos aponta para uma relação prévia entre protestantismo e cultura escrita, antes de sua chegada ao Brasil, na medida em que as diferentes denominações protestantes atuaram em outros contextos, na circulação social do escrito e também na aproximação de indivíduos da leitura e da escrita. No entanto, embora haja análises sobre essa relação em alguns momentos, podemos apontá-la como lacuna entre os trabalhos analisados, sendo vista na maior parte deles como algo “já dado”, não se constituindo, portanto, como problematização do objeto de pesquisa. Recomendamos, portanto, essa problematização como sugestão para futuros trabalhos que cruzem as temáticas do protestantismo e da cultura escrita no Brasil.

Outro comentário que fazemos a respeito do *corpus* analisado é sobre a total ausência de trabalhos que se debrucem especificamente acerca de materiais/objetos de leitura e de escrita, uma importante “entrada” para a investigação da cultura escrita a partir de um ponto de vista histórico (CHARTIER, 2002; GALVÃO, 2010), como também o manuscrito que, segundo Galvão (2010), é ainda pouco explorado como objeto de pesquisa entre a produção no campo da História da Cultura Escrita no Brasil.

Concluimos, portanto, que, embora a maior parte do *corpus* analisado nesta pesquisa não trate diretamente da História da Cultura Escrita no Brasil, ele nos fornece diversos tipos de subsídios para a compreensão do lugar ocupado pelo escrito no protestantismo brasileiro, especialmente entre os séculos XIX e XX. Esperamos que o mapeamento aqui realizado auxilie outros pesquisadores na investigação de temas e abordagens que consideramos relevantes para o desenvolvimento de novas pesquisas na confluência dos campos explorados em nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

ADDAMOVICZ, Anna Lúcia Collyer. **Imprensa protestante na Primeira República: evangelismo, informação e produção cultural – o Jornal Batista (1901-1922)**, 2008, 400s. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BLATTMAMM, Úrsula; SANTOS, Raimundo Nonato M. Acesso e uso de tecnologias em teses e dissertações: o caso BDTD. In: **Congresso da Associação Internacional para a Pesquisa Intercultural (ARIC) – Diálogos Interculturais: descolonizando o saber e o poder**, 2, 2009, Florianópolis. ARIC 2009: Diálogos Interculturais: descolonizar o saber e o poder, 2009.

BRASIL, Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG 2011-2020**. Coordenação de Pessoal de Nível Superior. Brasília, DF: CAPES, 2010.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

CRUZ, Karla Janaina Costa. **Cultura impressa e prática protestante no Oitocentos**, 2014, 261s. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Revistas pedagógicas: Qual é a identidade do impresso? In: Galvão. Ana Maria de Oliveira e Batista. Antonio Augusto Gomes. **Leitura: Práticas, impressos, letramentos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

GEORGE, Timothy. **Teologia dos Reformadores**. São Paulo: Vida Nova, 2007.

MCGRATH, Alister. **Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã**. Tradução: Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990, 280p.

NOGUEIRA, André Carreiro. **Uma leitura do Jornal Imprensa Evangélica a partir do romance Lucila**, 2013, 101s. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2013.

SANTOS, Edwiges Rosa dos. **O jornal Imprensa Evangelica: diferentes fases no contexto brasileiro (1864-1892)**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2009.

SILVA, Sandra Cristina da. **Guiando almas femininas: a educação protestante da mulher em impressos confessionais no Brasil e em Portugal (1890-1930)**, 2013, 214s. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

SILVA, Sandra Batista Araujo, GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Práticas religiosas pentecostais e processos de inserção na cultura escrita (Pernambuco, 1950-1970). In: GAL-

VÃO, Ana Maria de Oliveira et al. **História da cultura escrita: séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 365-403.

SOUZA, Maria José Francisco de. **Uma aprendizagem sem folheto: quem ainda vai rezar e benzer em Barra do Dengoso?** In: GALVÃO, Ana Maria de Oliveira et al. (Org.). **História da cultura escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 405-435.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As boas novas pela palavra impressa: impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930)**, 2010, 208s. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **Os novas-seitas: a presença protestante na perspectiva da literatura de cordel-Pernambuco e Paraíba (1893-1936)**, 2005, 116s. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

WATANABE, Tiago Hideo Barbosa. **De pastores a feiticeiros: a historiografia do protestantismo brasileiro (1950-1990)**, 2006, 219s. Dissertação de Mestrado (Ciências da Religião). Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.

WATANABE, Tiago Hideo Barbosa. **Escritos nas fronteiras: os livros de História do Protestantismo Brasileiro**, 2011, 276s. Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2011.

DADOS DOS AUTORES

JAIME MAGALHÃES SEPULCRO JÚNIOR

Graduado em Pedagogia pela UFMG (2017) e mestrando em Educação na linha de História da Educação pela UFMG. juniorhavaí@hotmail.com.

ANA MARIA DE OLIVEIRA GALVÃO

Graduada em Pedagogia pela UFPE (1990), mestra em Educação pela UFMG (1994), doutora em Educação pela UFMG (2000). Doutorado sanduíche no Institut National de Recherche Pédagogique (França) e Pós-doutorado/Estágio Sênior pela Northern Illinois University (Estados Unidos). Professora da Faculdade de Educação da UFMG. anamaria-deogalvao@gmail.com.

Submetido em: 31-5-2017

Aceito em: 16-10-2018